



EtnoCidadePelotas
16 a 18 de agosto de 2019





Identidades e entrelaçamentos

Nosso Dia do Patrimônio chega em sua sétima edição celebrando mais uma vez a diversidade do nosso povo. Cada vez que escolhemos o tema desta significativa ação de educação patrimonial, procuramos mobilizar nossa comunidade em torno dos elementos singulares na história da construção de nossa identidade. Neste ano em especial, das identidades de Pelotas.

De forma recorrente abordamos as etnias formadoras do nosso território: os europeus e árabes que migraram entre os séculos XVIII e XX, as diversas nacionalidades africanas que para cá vieram escravizadas, os indígenas que permaneceram após a diáspora colonizadora e os que escolheram nossa zona rural para habitar já neste século, os imigrantes senegaleses, haitianos e venezuelanos que foram levados a abandonar seus países por causa de conflitos.

Os fluxos migratórios foram discutidos e celebrados nas edições anteriores: na Herança Cultural Africana, na Ocupação Feminina, em Territórios Daqui: Identidades e Pertencimento, e na Pelotas Imaterial: saberes e fazeres. Desta vez, procuramos refletir e evidenciar os entrelaçamentos dos nossos cidadãos a partir da etnicidade, observando como as pessoas se agrupam a partir de referências culturais comuns. Nas próximas páginas apresentamos alguns dos temas abordados nas Conversas do Dia do Patrimônio, nossa plataforma de diálogo entre agentes culturais e comunidade que prepara conceitualmente o tradicional final de semana prolongado de maior celebração do nosso Patrimônio Cultural.

Esperamos que essa exitosa mobilização da comunidade em torno de nossa identidade cultural continue crescendo por muitas décadas. Nossas paisagens, nossa arte, nossa arquitetura, nossas habilidades manuais, nossos saberes e nossas tradições são a linha que costura nossa coletividade. Feliz Dia do Patrimônio!

Paula Schild Mascarenhas

Prefeita de Pelotas

Giorgio Ronna

Secretário de Cultura de Pelotas





ETNO CIDADE: O imigrante português na construção social pelotense (século XX)

Biane Peverada Jaques¹

Podemos imaginar que nossa trama tem início na rua XV de Novembro, no trajeto compreendido entre as praças matriz e Cel. Pedro Osório, nas proximidades do jornal Diário Popular e da Associação Comercial de Pelotas, que, ainda no início da década de 1930, se constituía como um dos principais espaços de comércio, cultura e lazer da cidade de Pelotas. A rua XV era ocupada predominantemente por homens de vestimenta e chapéus elegantes, de acordo com a moda da época, para se mostrar nos espaços de coletividade da cidade.

Era nesta rua que estavam localizadas as melhores lojas de tecidos, ateliês de costura, bazares, confeitarias, livrarias, cafés, armazéns de secos e molhados, cinemas e ateliês fotográficos. Segundo diversos relatos contemporâneos à época e, inclusive, de uma série de registros da rua encontrados nas variadas fotografias ainda hoje existentes, é possível afirmar que era através da circulação ininterrupta de pessoas nestas casas comerciais, ou mesmo da movimentação de pedestres e veículos na XV de Novembro, que “o coração da cidade pulsava”.²

Ainda assim, no interior deste “coração” não era comum encontrar imigrantes ocupando posições de destaque social, cultural, político e/ou econômico transitando naquele espaço. Todavia, quando falamos da imigração portuguesa, em específico, uma das suas principais características era justamente a inserção dos sujeitos no meio urbano e nas atividades comerciais locais. Foi dessa forma que uma série de imigrantes portugueses passaram a frequentar os espaços de sociabilidade com-

postos pela elite pelotense durante a primeira metade do século XX.

No mesmo sentido, a Associação Comercial, localizada nas imediações da rua XV de Novembro, era frequentada diariamente por membros da elite de Pelotas. A denominada “hora do cafezinho” mostra-se de fundamental importância neste contexto, afinal, visivelmente, para os homens que compunham aquele ciclo, esse era um momento para além de apreciarem o sabor do café, tratar de assuntos que consideravam de relevância política, econômica, cultural e social. É neste ponto, na “hora do cafezinho” nas imediações da rua XV de Novembro, que um sujeito em específico adentra a nossa história.

Maximiano Pombo Cirne foi um imigrante de origem portuguesa que se dirigiu ao Brasil no ano de 1922 a chamado do pai e acompanhado da mãe. Uma vez inserido nos espaços comerciais de Pelotas – devido a influência do seu pai na Associação Comercial – Maximiano tomou contato com o jornal da cidade, o Diário Popular. Em poucos anos passou de revisor voluntário a efetivo e mais adiante aos cargos de diretoria da Empresa Gráfica. Além disso, possuiu participação ativa em diversas questões relacionando as duas entidades – Diário Popular e Associação Comercial.³

Isso demonstra que durante toda a sua vida Maximiano esteve inserido em um contexto específico de atuação, o qual possibilitou que conhecesse e se relacionasse com diversos indivíduos, cunhando uma rede de sociabilidade absolutamente complexa. O processo de adaptação de Maximiano à Pelotas em muito se deu através de seu contato e inserção profissional no jornal Diário Popular e pela influência que seu pai possuía no seio do comércio local. No entanto, um dos principais fatores que lhe conferia certa autonomia e vantagem, se comparado aos imigrantes das demais etnias, consiste no simples fato de dominar a língua do país de acolhimento.

Podemos afirmar que o período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX

¹ DEVANTIER, Vanessa da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. A Rua XV de Novembro: espaço de comércio, cultura e lazer. Pelotas, 1870-1931. In: X Encontro de História da Arte, 2011, Pelotas. Anais do X Encontro de História da Arte, p. 1-12, 2011.

² *Id.*

³ JAQUES, Biane Peverada. “Eis, aí, como tomei contato com o Diário”: Ascensão social-profissional do imigrante português Maximiano Pombo Cirne a partir do Diário Popular. Pelotas 1922-1949. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, 120p., 2017.



foi palco de uma maciça entrada de imigrantes estrangeiros no Brasil, entre eles os de origem portuguesa. Os primeiros povoadores de Pelotas eram de origem portuguesa, estabeleceram-se na região devido a invasão espanhola à Colônia do Sacramento em 1762 e a Vila do Rio Grande de São Pedro em 1763.⁴

No entanto, foi a partir da segunda metade do século XIX que se ampliou o fluxo migratório e em 1899 o censo populacional de Pelotas revelava que 18,46% da população eram de imigrantes e destes, 43,6% de origem portuguesa⁵. A emigração para o Brasil representava uma importante estratégia familiar e de reprodução social⁶. Este processo exige que os sujeitos sejam compreendidos como atores sociais, protagonistas da sua própria história, que muitas vezes buscam se apoiar em amplas redes de relações.⁷

O que podemos afirmar de forma significativa, utilizando Maximiano como um exemplo representativo, é que existia uma imersão de parte dos imigrantes portugueses de Pelotas nos espaços de sociabilidade elitizados derivados da rua XV de Novembro, durante a primeira metade do século XX. A existência de uma comunidade de apoio proveniente de grupos com expressividade política, econômica, social e/ou cultural, somada aos costumes de inserção nos meios urbanos e comerciais locais proporcionaram que o imigrante português – tanto na sua individualidade quanto coletividade – estivessem inseridos e contribuíssem ativamente para o processo de desenvolvimento e construção social pelotense.

4 MAGALHÃES, Mário Osório. Portugueses. In.: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: UFPel, pp. 201-202, 2010.

5 *Id.*

6 SCOTT, Ana Sílvia Volpi. Famílias, *Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português* (séculos XVIII e XIX). Vol.6. Coleção de Monografias, Guimarães: NESP/Instituto de Ciências Sociais-Universidade do Minho, 1999.

7 VENDRAME, Maíra Ines. Mobilidade, redes e experiências migratórias: algumas reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In.: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, pp. 200-223, 2015.

Etno-Cidade: Imigração e Identidade Palestina em Pelotas

Carol Atencio

Pelotas é uma cidade de grande variedade cultural, sua formação se deu na mistura de diversas nacionalidades, identidades, pertencimentos. Todas essas culturas foram essenciais para a concretização de uma cidade mais plural, construída nas bases da Identidade e da diferença. O tema do dia do Patrimônio 2019 em Pelotas “Etno-Cidade” é tão importante para pensarmos a atualidade das nossas identidades, nacionais, étnicas, e até mesmo Locais.

Pretendo contar aqui um pouco da trajetória da minha pesquisa, e alguns aspectos essenciais para pensarmos a imigração Palestina na cidade de Pelotas. Na construção desta pesquisa, foi idealizado meu projeto de doutorado em história, atualmente em andamento na PUCRS. Acredito que é extremamente importante que eu, cidadã pelotense e historiadora pesquise e discuta um pouco sobre a importância do imigrante palestino na cidade. Mais do que isso, ajudar a compreender a história de um povo que vive disputas territoriais desde meados de 1948.

Não existem estatísticas exatas sobre a população palestina, e seus descendentes no Brasil, porém organizações árabes calculam que a comunidade possui entre 30 e 50 mil pessoas, e que a maioria desta população vive no sul do país. De acordo com Pappé (2016), o ano de 1948 é um marco na história da Palestina, após a aprovação da resolução 181 sobre a partilha da Palestina, uma guerra entre judeus e árabes é irrompida, juntamente com a finalização do plano Dalet, o projeto sionista da limpeza da Palestina apoiado pelos Estados Unidos na época.

Jardim ressalta a emigração forçada em consequência da catástrofe de 1948, designada Nakba, para países mais próximos do território



palestino, em países como a Jordânia. A chamada Diáspora Palestina, “evoca tanto a dispersão ocasionada pelo terror de um exército nacional imposto a civis quanto a discursos diversos que reivindicam o direito de retorno e restituição de territórios.” (JARDIM, 2016, p.246)

Apresentando alguns dados, Coggiola discute sobre os quase 2/3 da população árabe original da Palestina que deixou suas casas e tornaram-se refugiados nos países vizinhos, já os grupos que permaneceram em seus territórios originais, encontraram-se na condição de refugiados em sua própria pátria. Com métodos de expulsão direta, atemorização e negando as condições de subsistência, participando de quase uma guerra por década, o estado de Israel continuou a expansão de suas fronteiras. Em conflitos sequentes, como a guerra dos Seis Dias em 1967, o número de refugiados da palestina só aumentara. (COGIOLA, 2016)

A imigração palestina para o Brasil torna-se significativa no começo da década de 50, de acordo com Hamid (2009), com a vinda de homens oriundos da Cisjordânia, território anexado a Jordânia em 1948. Estes primeiros imigrantes de acordo com a autora entraram por meio do passaporte jordaniano, indo ao encontro do apresentado por Jardim (2006).

A imigração significava encarar alguns caminhos. Um deles era destituído de um Estado-nação e, portanto, por meio do estatuto de refugiado. Entrar na esfera da ajuda humanitária tinha um custo imediato, o de não poder circular entre países por uma livre escolha. De outra parte, os documentos para sair da Palestina ou eram israelenses (o que não dava acesso ao mundo do trabalho nos países árabes) ou, na melhor das hipóteses, jordanianos. Concretamente, o trabalho em países do Oriente Médio se inviabilizava. (JARDIM, 2006, p. 172)

Destacado pela autora, esta pode ser uma das razões da dificuldade do mapeamento exato da entrada de Palestinos no Brasil, visto que a singularidade desta imigração é a ausência de um estado-nação, evadindo para um novo horizonte de trabalho e cidadania. Atualmente, a Palestina ocupa 12% de seu território original, com cerca de 5 milhões de habitantes, e outros 6 milhões originados da diáspora palestina espalhados pelo mundo.

Pensando no caso de Pelotas, destacamos inicialmente o grande fluxo do nosso centro comercial, que ocupa uma importante fatia da economia e da empregabilidade na cidade. Está no imaginário coletivo do pelotense, atribuir aos proprietários de muitos destes estabelecimentos a denominação errônea de “turcos”, esta denominação reflete uma falta de esforços em distingui-los de suas respectivas origens, agrupando-os em categorias gerais. Estes podem ter suas identidades nacionais definidas enquanto Sírios, Libaneses, ou no nosso caso de trabalho, Palestinos. Em caráter de respeito e de conhecimento é importante compreender as denominações corretamente, como destaca Bittencourt :

O indivíduo médio-oriental tem a língua árabe como idioma materno independentemente de sua orientação religiosa. Suas identidades podem ser étnicas do “árabe” genérico ao “sírio-libanês”, adotado no Brasil ; locais (de Beirute, Zahle, Belém, Jerusalém, Homs, Alepo ou Damasco); ou nacionais (“sírio”, “libanês” ou “palestino”). (FRANCISCO, 2017, p. 20)

A comunidade palestina da região sul possui também forte unidade, perceptível, por exemplo, em uma manifestação bastante noticiada pelo grupo RBS no ano de 2014, onde a comunidade palestina da cidade se reuniu em um protesto contra violência na faixa de Gaza. Em caminhada pelo calçadão central da cidade, dezenas de homens, mulheres e crianças portando bandeiras do Estado da Palestina, e cartazes com frases como “Palestina livre” e “não fechem os olhos para a realidade, o genocídio de Israel tem que parar”. A manifestação contou com palestinos, descendentes de segunda geração e muçulmanos revertidos.

Pensando na Religião, destacamos também a importância da religião na manutenção da identidade Palestina em Pelotas. Pelotas possui uma mesquita islâmica, importante local para reunião de muçulmanos, tive o prazer de conhecer o local e as pessoas que a frequentam. Como explica Demant, “Os muçulmanos improvisam suas mesquitas que, fora do Oriente Médio, nem sempre têm a forma arquitetônica reconhecível com cúpula e minaretes. Qualquer lugar pode ser adequado – ou como Maomé dizia: “O mundo inteiro é uma mesquita” (DEMANT, 2004, p.177).



A prática de um Islam universal é percebida na mesquita islâmica de Pelotas, pois como reflete Demant (2004), esta implicaria em sermões em português no lugar de árabe, facilitando a abertura a novos convertidos, reunindo o que o autor diz ser uma aflição do Islã ocidental em geral: “encontrar o equilíbrio entre a identidade étnica tradicional, de grupos específicos, e a vocação universal do islã.” (DEMAND, 2004, p.189).

Para finalizar, evidenciamos a importância de palestinos de primeira, segunda e terceira geração em Pelotas, sua cultura ajuda a constituir a pluralidade que tanto almejamos em nossa cidade. Atualmente minha tese de doutorado está em fase inicial, realizando entrevista com homens e mulheres que muito tem a contribuir com suas histórias de vida entre Palestina e Brasil. Por fim, reafirmo um ponto sempre discutido pela antropóloga estadunidense descendente de palestinos Lila Abu-Lughod: “Meu ponto é lembrar-nos de estar atentos às diferenças, de ser respeitosos em relação a outros caminhos que levem à mudança social[...]” (ABU-LUGOD, 2012, p.464)

REFERÊNCIAS:

- ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. *Estudos Feministas*, v.20, n.2, p. 451-470, 2012
- COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução Árabe e o Islã**. In: <https://www.academia.edu>, 2016.
- DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004
- FRANCISCO, Julio Cesar Bittencourt. Dos cedros aos pampas: Imigração Sírio-Libanesa no Rio Grande do Sul, Identidade e assimilação. Tese. (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017
- JARDIM, Denise Fagundes. Os imigrantes palestinos na América Latina. *Estudos Avançados*. V.20, n. 57, 2006
- PAPPÉ, Ilan. **A Limpeza Étnica da Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2016

Os imigrantes alemães e a cidade de Pelotas

Dalila Müller

Várias etnias contribuíram para a formação da Pelotas que conhecemos hoje, dentre elas destacamos a alemã. Este texto traz algumas considerações sobre a participação dos imigrantes alemães na formação da sociedade pelotense.

A imigração para a região caracterizou-se pela vinda de estrangeiros com o objetivo de colonizar as terras da Serra dos Tapes, mas também por uma imigração espontânea de estrangeiros com qualificações urbanas que se fixaram na cidade de Pelotas. Esse estrangeiro ocupou-se das mais diversas atividades urbanas, sejam industriais, comerciais, artísticas ou de profissões liberais ou como operários (ANJOS, 2000).

Durante a segunda metade do século XIX a colonização da região serrana de Pelotas se deu de forma muito intensa e quase que exclusivamente por capitais particulares. De acordo com Anjos (2000), das 61 colônias existentes no ano de 1900, apenas quatro eram oficiais. As demais colônias foram organizadas por charqueadores, estancieiros e comerciantes, entre eles imigrantes alemães ou seus descendentes. Podemos citar a Colônia São Lourenço, fundada por Jacob Rheingantz em 1858, a Colônia Arroio do Padre, fundada por Augusto Gerber e Guilherme Baner em 1868, a Colônia Santa Maria, fundada por João Schild, em 1893, a Colônia Ritter, por Carlos Ritter & Irmão, em 1900, entre outras.

Nas colônias houve o predomínio de imigrantes de origem germânica. Das 61 colônias identificadas em 1900, em 28 foi identificada a origem dos colonos e destas, 82,14% (23 de 28 colônias) eram formadas por imigrantes germânicos (GRANDO, 1990, p. 74).

Os imigrantes que se fixaram na cidade de Pelotas eram colonos que se desgarraram das colônias, tanto de Pelotas como de outras regiões.



Mas também imigrantes com qualificação profissional e profissões urbanas que vieram espontaneamente. Klaus Becker (1958) apontou a chegada de 18 nacionalidades em Pelotas entre os anos de 1844 e 1852, entre elas a alemã com 100 imigrantes, correspondendo a 4,3% da imigração na cidade. Em 1852 foi a segunda maior leva de imigrantes na cidade, mantendo-se em segundo lugar até 1875.

Os imigrantes alemães e seus descendentes presentes em Pelotas participaram ativamente da vida econômica, social e cultural da cidade. Participaram de diversas atividades industriais, comerciais ou como profissionais liberais. Pode-se citar os seguintes empreendimentos: Fábrica a vapor de sabão, velas e cola (1841), de Luiz Eggers; Cervejaria Ritter (1872) de Carlos Ritter; Ferragem Warncke & Dörcken (1874), de Francisco Behrendorf; Fábrica Lang de Sabão e Velas (1878) de Frederico Carlos Lang e Adolfo Voigt; Fábrica de fumos Santa Bárbara (1879) – Jacob Klaes; Carlos Frederico Natusch, entrega de secos e molhados na colônia; entre outros. Como profissionais liberais, cita-se os médicos Guilherme Reheimberg e Theodoro Harke.

A imprensa também contou com representantes alemães, que foram proprietários e ou redatores dos jornais. Entre eles destaca-se Karl von Koseritz (O Ramallete Rio-Grandense, O Brado do Sul; O Jornal de Pelotas; O Noticiador); Ernesto Augusto Gernsgross (O Diário de Pelotas); Arthur Lara Ulrich (A Discussão; Jornal do Comércio); Julius Kurtius – Deutsche Presse (1881-1883); Guilherme Stoffel (A Ventarola – execução dos retratos).

Os imigrantes alemães também participaram ativamente da vida social e cultural de Pelotas através de suas associações beneficentes, recreativas e/ou esportivas. Em 1857, foi fundada a “Sociedade de Beneficência Alemã” que dava assistência aos novos imigrantes que chegavam à cidade e alugava quartos na Santa Casa. Essa foi a primeira sociedade mutualista étnica de teutos na Província (SILVA JÚNIOR., 2004).

Na década de 1860 foi organizada a Sociedade Dramática de Alemães, com teatro próprio (Diário

Popular, 11.09.1863, p. 1); na década de 1870 a Sociedade Germânica Gesangverein, grupo vocal formado por alemães (Correio Mercantil, 04.05.1876, p. 2); na década de 1880 foi fundado o Clube Germânia, funcionando junto ao Club Alemão de Gymnastica, também com teatro próprio (Diário Popular, 15.12.1890, p. 2) e a Sociedade Alemã Concórdia (Diário de Pelotas, 20.01.1885, p. 2).

As sociedades esportivas organizadas por alemães foram o Clube Recreativo de Tiro ao Alvo, em 1876, composto “unicamente de súditos alemães” (Correio Mercantil, 30.03.1876, p. 1); o Clube de Regatas Alemão (A Opinião Pública, 26.09.1898) e o Clube Alemão de Atiradores (Diário Popular, 30.04.1901, p. 1).

Um dos principais “pontos de recreio” de Pelotas, no século XIX, foi o Jardim Ritter, de propriedade de Carlos Ritter e Frederico Jacob Ritter, localizava-se na estrada do Fragata, na residência de Carlos Ritter. O Jardim era de fácil acesso em função dos bondes de tração animal da Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas. O Jardim ocupava uma extensa área arborizada, ideal para as “tardes da estação calmosa” (Correio Mercantil, 22.10.1887, p. 3).

Os alemães também fundaram estabelecimentos hoteleiros na cidade. De acordo com Müller (2010) eles foram os primeiros proprietários das casas de hospedagem na cidade. Na década de 1840 estava em funcionamento o Hotel Aliança, cujo proprietário era Adolph Hermann Schreiber, e a “casa de hospedagem do Sr. Claussen”; na década de 1880 foram abertos o Hotel Tilly, por Ernesto Tilly; o Hotel Brod, por Pedro Brod; e o Hotel Allemão.

Nas primeiras décadas do século XX novos hotéis são abertos por alemães: Hotel América de Daniel Butierres; Hotel Colonial, de Luiz Rickes (1916) e Henrique Rosembecker (1928); Hotel do Comércio, de Germano Bunde Rotschild; Hotel Glória de Carlos Bernardo Neutzling; Hotel Hausmann; Hotel Max, de Gottlob Max Göetze; Hotel Schaeffer de Henrique Schaefer.

Além destes é importante destacar os hotéis



coloniais – Hotel Krüger, de Ida Dummer Krüger; Hotel Ness, de Pedro Ness; Hotel Treptow, de Fernando e Frederico Treptow; Armazém e Hotel Fiss & Tessmann –, localizados nas vias de acesso à cidade e que hospedavam, principalmente, colonos alemães que vinham comercializar seus produtos coloniais na cidade.

Em agosto de 1942, durante a II Guerra Mundial, foi noticiado que três navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos do “Eixo” no litoral brasileiro. Essa notícia desencadeou uma onda de revolta contra a comunidade germânica em diferentes regiões do Estado (FACHEL, 2002), dando início ao “quebra-quebra” em várias cidades, inclusive em Pelotas. O “quebra-quebra” consistiu em ataques, depredações, saques e destruição em diversos estabelecimentos comerciais e residências de alemães e seus descendentes.

Algumas casas comerciais e residências que foram depredadas em Pelotas foram: Hotel América, Hotel do Comércio, Ferragem P. H. J. Marxen, Fotografia Santos, Igreja São João, Cortume Júlio Hadler, Armazém [hotel] Fiss & Tessmann, Dr. Toschtropp, Alfaiataria Cáprio, G. Keil, Willy Patzold (banca de frios no Mercado e residência), F. Treptow & Cia. [hotel], Luiz Gutchow, residência de J. Guadalajara (Diário Popular, 25.08.2012, p. 2), Hotel Glória. Alguns estabelecimentos reabriram com os mesmos proprietários; outros reabriram com outros proprietários não alemães, e outros ainda, não voltaram mais a funcionar.

Os imigrantes alemães e seus descendentes tiveram uma participação importante na vida social, econômica, política e cultural de Pelotas. A partir de empreendimentos industriais e comerciais, da participação na imprensa e em associações, de profissões liberais, contribuíram para o desenvolvimento da cidade e imprimiram novos hábitos à população local.

REFERÊNCIAS:

- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.
- BECKER, Klaus. A imigração no Sul do Estado de 1844-1852. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. 5ª volume. Imigração. Canoas: Editora Regional Ltda, 1958, p. 322-371.

FACHEL, José P. G. *As violências contra alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Ed. UFPel, 2002.

GRANDO, Marines Zandavalli. *Pequena Agricultura em Crise: O Caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FEE, 1990. (Teses nº 14).

MÜLLER, D. *“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”*: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 338f. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço. *As Sociedades de Socorros Mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940)*. 2004. 574f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2004.

A cidade e seus graffiti: arte urbana em Pelotas

Fabrcio Barreto

GRAFFITI

A expressão tem sua origem etimológica derivada do italiano *graffiare*, que significa algo como rabiscar, riscar, arranhar. A palavra *graffiti* corresponde ao plural de *graffito* (sing.). Segundo o pesquisador Ricardo Campos (2010), “o termo *graffiti* passou a ser empregue para o singular e plural, indistintamente. Ou seja, no discurso corrente: um *graffiti*, dois *graffiti* ou, geralmente, dois *graffitis*”. Portanto, um vocábulo popularizado. Para Celso Gitahy (1999), “há palavras que devem permanecer em sua grafia original pela intensidade significativa com a qual teatralizam dentro de um contexto”. Optei pelo uso da escrita *graffiti* por estar de acordo com os autores acima, e também foi como os grafiteiros trataram a expressão ao longo das oportunidades de convívio durante minha a pesquisa sobre o tema em Pelotas.

TRAJETÓRIA

Sou natural de Porto Alegre, fotógrafo e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como fotógrafo, tenho



passagens em jornais de Porto Alegre e região metropolitana, o que proporcionou um caráter documental ao meu trabalho. Meu portfolio inclui fotografias de gastronomia, arquitetura e assessoria de imprensa. Realizei mestrado no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), período que estabeleci residência na cidade. A defesa da dissertação ocorreu em agosto de 2018. Atualmente sou doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP) da UFRGS, e proponho uma investigação sobre a arte urbana, na expressão do *graffiti*, em meio ao poder estatal.

PESQUISA

Com o mestrado, eu sabia que frequentaria Pelotas com regularidade por ao menos um ano para realização das disciplinas obrigatórias do pós. Neste período, propus-me a desenvolver um ensaio fotográfico na cidade, e passei a buscar uma inspiração para fotografar. Me surpreendeu a quantidade de construções antigas na cidade, entretanto a grande quantidade de ruínas espalhadas por toda região central atraíram especial atenção. Em Porto Alegre, eu estava fazendo fotografias dos vestígios de antigas casas que eram derrubadas para dar lugar a prédios. Com um mercado imobiliário aquecido, grandes construtoras estavam proporcionando uma nova configuração a paisagem porto-alegrense. Em Pelotas, encontro o *graffiti* sobre a ruína, um misto entre passado e presente, expressão efêmera com apelo visual lindíssimo. Estava aí minha motivação para fazer o ensaio fotográfico. Posteriormente este se torna meu objeto de pesquisa no mestrado.

A pesquisa foi realizada na interface entre a Antropologia urbana e Antropologia da imagem e aborda o processo de transformação urbana da região portuária pelotense. No bairro Porto (ou simplesmente Porto, como é conhecido pela população) ainda reverbera o passado das charqueadas, e a atmosfera operária, herança de um imponente polo industrial, é latente nas ruas e calçadas da região. Portanto estamos falando de diversas camadas de tempo que exacerbam os diferentes períodos de transformação da cidade, evidenciados pela imensa quantidade de tinta

spray que cobre os muros das antigas fábricas. Em Antropologia, o método de investigação é a etnografia, o que prevê, basicamente, a interação com o campo a ser investigado na interlocução com um grupo ou indivíduo. Associado a essa metodologia, utilizei a técnica de etnografia de rua (ECKERT&ROCHA, 2013), a qual pressupõe a “câmera na mão” como instrumental importante no levantamento de dados. A técnica “consiste na exploração dos espaços a serem investigados através de caminhadas [...] [quando] o pesquisador precisa aprender a pertencer a este território como se ele fosse sua morada, lugar de intimidade e acomodação afetiva” (*idem, ibidem*:23). No meu caso, os interlocutores foram grafiteiros de Pelotas. Passei, então, a acompanhar suas atividades cotidianas voltadas ao *graffiti* em encontros atravessados por longas conversas. Foram estes encontros de caráter etnográfico que me apontaram os caminhos a seguir na pesquisa.

GALERIA A CÉU ABERTO

Caminhar pela região portuária, onde a arte urbana se mescla às ruínas das fábricas abandonadas, nos provoca a viver um misto de passado/presente. É nesta área em constante transformação, onde a relação entre o antigo e a linguagem contemporânea da arte urbana está presente, onde a paisagem citadina não nos permite esquecer de uma história ainda latente, que encontro uma profusão de *graffiti* e inscrições, objeto da minha pesquisa e guia de meu percurso epistemológico que se constituiu a partir da trama de narrativas visuais e orais obtidas junto aos diferentes agentes envolvidos.

Existe uma lógica associada ao *graffiti* que é a de expressar-se nos interstícios, e as zonas abandonadas das cidades fazem parte deste tipo de lógica. Pode ser a ruína da fábrica, ou o viaduto aonde ninguém vai, uma lógica ligada às zonas decrépitas e degradadas. O que ocorre em Pelotas não é diferente. A região portuária foi a escolhida por grafiteiros da cidade para desenvolver seus desenhos.

Segundo seus relatos, no Porto há liberdade para grafitar, pois, como muitas edificações estão abandonadas, não existe um controle rigoroso



sobre esta prática. A área funciona, então, como um laboratório, uma espécie de escola. Em meio a esta tensão entre o antigo e o contemporâneo, são tantas as inscrições que, ao transitar pelas ruas da região portuária, temos a sensação de estar visitando uma galeria de arte a céu aberto.

UNIVERSIDADE

Hoje o bairro se caracteriza pela presença da UFPEL, o que configura uma paisagem universitária. As antigas “casas de renda” estão dando lugar a prédios que atendem demanda do mercado imobiliário. São bares, lancherias, restaurantes e diversos estabelecimentos comerciais voltados a estudantes e a comunidade universitária como um todo. O Centro de Artes (CEARTE) está no Porto, e vale ressaltar que muitos grafiteiros de Pelotas estudam ou estudaram Artes Visuais na UFPEL. Isto significa que as práticas destes artistas acontecem a poucos metros das salas de aulas da universidade.

SAGRES

Recentemente, a Sagres Agenciamentos Marítimos estabeleceu um outro ritmo a região, acelerando o processo de transformação. Vias foram asfaltadas e caminhões pesando cerca de 50 toneladas, carregados de toras, passaram a transitar no bairro para acessar o porto da cidade. A empresa financiou obras de escoamento nas Doquinhas e vem desenvolvendo projetos de requalificação da orla do São Gonçalo. Entre eles, está o patrocínio de eventos voltados ao *graffiti*.

O apoio da Sagres alçou esta arte urbana a um outro patamar, proporcionou maior visibilidade ao trabalho dos grafiteiros e instituiu uma nova perspectiva ao *graffiti* na região portuária pelotense. Os grandes murais do *Spraysons* são um exemplo disso. Aqueles desenhos que inicialmente estendiam seus traços de acordo com as capacidades do corpo humano se implementam com a ajuda de andaimes e plataforma de trabalho aéreo (PTA) em encontros que mobilizam uma quantidade considerável de pessoas. Outro exemplo é o *Meeting of Styles*, evento que reuniu, em um final de semana de novembro do ano passado, grafiteiros de diferentes países e regiões do Brasil para pintar um grande mural em frente ao terminal de toras da empresa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar, o *graffiti* é, também, um importante agente de transformação da região. Na medida que compreendemos seu potencial, podemos mensurar seu potencial econômico. Sem dificuldades encontramos cidades de diferentes países em que o *graffiti* vem cumprindo papel no desenvolvimento urbano, que muitas vezes está associado ao turismo.

No contexto brasileiro, o *graffiti* precisa ser pesquisado para que haja difusão de informação consistente. Grande parcela da população ainda tem uma visão estigmatizada sobre esta expressão artística. Recentemente, a repressão ao *graffiti* tramitada pelo governo de João Doria junto a Prefeitura de São Paulo foi noticiada por todo país. Algo que já havia ocorrido durante o mandato de Gilberto Kassab, quando o governo municipal instituiu uma secretaria de combate e repressão ao *graffiti*. Portanto, no meu ponto de vista, é necessário que se estabeleça debate dentro da esfera pública com objetivo de se estabelecer política voltada a arte urbana. Esta é a nova fase de minha pesquisa que iniciei este ano ao ingressar no processo de doutoramento em Políticas Públicas.

REFERÊNCIAS:

- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: _____ (org.). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013, p.21- 46.
- GITAHY, C. *O que é graffiti*. Coleção primeiros passos - São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CAMPOS, R. *Por que pintamos a cidade?: uma abordagem etnográfica do graffiti urbano*. Lisboa: Fim do Século, 2010.



A maçonaria em Pelotas

Julio Marinho Ferreira¹

HISTÓRIA DA MAÇONARIA

A maçonaria é um grupo social supra-religioso, sendo diferente de uma seita ou congregação religiosa, dessa forma, são aceitos indivíduos de variadas ordens religiosas, como judeus, cristãos, islâmicos, pentecostais etc. A maçonaria, que teve suas origens nos construtores de catedrais e pedreiros (*freemasons*), no período medieval tardio, que remonta aos séculos XIV e XV. Esse grupo sempre alvo de controvérsias e boatos, muito em função de seu caráter “secreto” e de sua simbologia.

Muitos dos ritos maçônicos, daquele período inicial, foram atribuídos aos chamados Cavaleiros Templários² e seus iniciados, que segundo lendas, trouxeram conhecimentos secretos das cruzadas e precisavam de alguma forma de mantê-los escondidos e preservados. Com isso, encontrariam na maçonaria uma forma de existência aceita socialmente, já que os Templários haviam sido exterminados pela Igreja Católica que os considerou “adeptos de ritos satânicos”.

Passando dessa fase inicial, e mais mística, surge a franco-maçonaria moderna (séc. XVIII), que acabaria por se espalhar ao redor do mundo, encontrando na América um lar, principalmente nos Estados Unidos que recém nascia como nação³, tendo sido de fundamental importância em sua independência (1776), já que seus líderes eram maçons praticantes. Além disso, os fundamentos republicanos e liberais da América, e dos países que surgiam, tiveram na maçonaria uma afinidade eletiva, apesar de no Brasil essa relação ter sido mais particular.

Para muitos pesquisadores do tema, a maçonaria, e sua história, podendo ser dividida em três

fases: *Primitiva* (que evoca os conhecimentos místicos da humanidade), *Operativa* (que remete aos construtores, em si) e *Especulativa*. Sendo essa última, o modelo que temos até hoje, no qual a influência do Iluminismo⁴ e da ideia do cultivo da racionalidade pode ser sentida, principalmente no campo do social.

A MAÇONARIA NO BRASIL

A primeira loja brasileira foi a Grande Oriente da França, já que reinava, no início do século XIX, uma grande aversão a Portugal e a língua portuguesa em geral, aspecto dos primeiros passos de uma independência do Império. Essa loja foi instalada em 1801, sendo depois abertas inúmeras outras no Rio de Janeiro e Pernambuco (entre 1809 e 1813). Em 1822 é criado o Grande Oriente do Brasil, única loja brasileira a obter o reconhecimento primordial, secular e definitivo da Loja-Mãe da Inglaterra. No entanto, com D. Pedro I no poder, a maçonaria se viu enfraquecida por disputas de influências de lojas.

Momentos chave para o contexto de disputas maçônicas no seio do Brasil Império:

Em 1864, o papa Pio XI, lança a bula *Syllabus*, que entre outras coisas proíbe que a Igreja e seus adeptos façam parte da maçonaria⁵;

Em 1872, o padre Almeida Martins se recusa a deixar a maçonaria e é suspenso de suas atividades clericais;

Em 1874, o Visconde de Rio Branco, grão-mestre maçom, manda prender os bispos que mandaram fechar as casas maçônicas, isso gera ainda mais disputa em clero e maçons. Dessa forma, a Igreja passa a alimentar e propagar ideias contra a maçonaria e seus adeptos, criando um imaginário popular que persiste até os dias de hoje.

Sabe-se que Dom Pedro II (1825-1891), segundo e último imperador do Brasil era maçom, não sendo apenas ele, todas as figuras de destaque de sua corte também, e não apenas esses, como seus antepassados. Nesse sentido a figura do maçom como um indivíduo pertencente ao poder, e gerador de influências ficou estabelecida.

Deve-se pontuar que a maçonaria no Brasil tem

¹ Doutorando em Sociologia pela UFPel. Email: juliomarferre@hotmail.com

² Ordem dos pobres cavaleiros de Cristo e do templo de Salomão (1118-1332), foi uma ordem militar surgida no período das Cruzadas, depois de 1096, criada para proteger os peregrinos que pretendiam ir a Jerusalém.

³ Alguns registros documentais atestam que existiram atividades maçônicas no Brasil em 1721 e 1735, muito antes do que do comumente se imaginou. Fonte: GOB.

⁴ Movimento intelectual, filosófico, político e cultural surgido na Europa no século XVIII, que serviu de molde ao pensamento racional que viu na ciência a guia da sociedade.

⁵ Houveram inúmeras bulas, ao todo 20, sendo a primeira datada de 1738, que foi intitulada: *In Eminentis Apostolatus Specula*.



suas raízes já no século XVIII, ou seja, antes da independência (1822). Dessa forma, podendo ser rastreada e percebida na figura de alguns revolucionários do final do Período Colonial, principalmente em Minas Gerais e Bahia.

A relação do Brasil com a Maçonaria ficou de fato estabelecida no período chamado de Brasil Império (1822-1889), na qual seu papel fundamental para sua ocorrência.

A MAÇONARIA EM PELOTAS

Os manuscritos mais antigos datam do fim do ano de 1842, início de 1843, quando se instalou a primeira Loja em Pelotas denominada “Protetora da Orphanidade” e que em 1848 começou a edificar um prédio para seu Templo, à rua doutor Flores, hoje Andrade Neves, terminada em 1849. Em 25 de agosto de 1855 por proposta do maçom Frederico Gregório Ugarteche, instalou-se a Loja “Honra e Humanidade”, os membros da nova Loja faziam parte, quase todos, da Loja “União e Concórdia” que desde então deixou de existir. A Loja “Honra e Humanidade” edificou seu Templo à rua Andrade Neves 2202, no centro de Pelotas, onde funciona hoje a Loja Fraternidade.

A partir dessas lojas, e de suas fusões, ainda no contexto do século XIX, surgiram inúmeras outras lojas, ocorrendo fundações até 1902, tendo menor destaque que as mencionadas acima. O aspecto mais relevante dessas lojas, e de seu papel para a cidade de Pelotas foi sua preocupação com a sociedade da época e seus aspectos sociais, principalmente em auxiliar os órfãos e possibilitar um ensino laico e misto. Ensino que visava a criação de um espírito racional e afastado de dogmatismo, com isso destacam-se a criação do Ginásio Pelotense e do Colégio Pelotense, no início do século XX.

No século XX, a maçonaria continuou sua meta em relação ao ensino de Pelotas, já que a educação era um fundamento para o espírito liberal e republicano⁶, dessa forma, criando centros de ensino agrícola (agrimensura), de direito, de farmácia, de odontologia entre outros, que depois foram absorvidos pela universidade federal da

cidade (UFPel). Pode-se afirmar que a fundação de lojas maçônicas na cidade de Pelotas, e de seu ideário progressista, foi de fundamental importância em suas tentativas de absorver as classes mais baixas com o acesso ao ensino, já que o aspecto mais notável da maçonaria é o cultivo do espírito racional.

Além disso, pode-se notar a maçonaria presente nos grandes casarões de Pelotas, em suas instituições, e de seu papel nas questões urbanas e sociais, já que muito da urbanidade pelotense, de suas ruas e de suas praças tiveram na racionalidade dos preceitos maçônicos suas pedras basilares.

Apontamentos sobre a imigração judaica em Pelotas

Lorena Almeida Gill

Recentemente recebi convite para falar no evento intitulado “Conversas do Dia do Patrimônio”, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, sobre a imigração judaica, já que o tema central do evento envolveria etnia e cidade.

Fiquei feliz com a lembrança de meu nome, tendo que buscar anotações em um estudo que realizei faz bastante tempo, ainda na década de 1990, para fins de uma pesquisa de Mestrado, efetivada junto à PUCRS.

Tudo começou com a discussão que eu e os meus alunos realizávamos na disciplina de História Moderna I, no momento em que se analisava qual o percurso que os judeus efetivaram quando se deu a Inquisição na Península Ibérica. Houve um questionamento por parte dos discentes, se alguns desses judeus poderiam ter vindo justamente para a América e assim

⁶ Colussi, Eliana Lucia. A maçonaria gaúcha no século XIX. Passo Fundo: Editora da UPF, 2003.



nasceu o projeto de pesquisa, que teve como metodologias principais a análise de jornais e a história oral.

Com um recorte temporal para o período entre 1920 e 1945, momento em que um grupo maior de judeus esteve na cidade, foi pesquisado um amplo acervo de jornais, existentes junto à Biblioteca Pública Pelotense, quais sejam *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, em suas totalidades para o marco temporal e alguns anos dos periódicos *O Rebate*, *O Libertador* e *Diário Liberal*. Ao todo reuni trezentas e cinquenta notícias que, sob diferentes enfoques, tinham como tema os judeus.

De outro modo, entrevistei dezoito narradores através da metodologia da história oral temática e, nessa etapa, contei com duas pessoas fundamentais: a senhora Flora Bendjouya, que já havia também realizado entrevistas com o grupo e o senhor Isaac Bendjouya, cunhado de Flora, que foi uma espécie de abre portas na comunidade. Além das entrevistas realizadas em Pelotas, pesquisei o acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (Porto Alegre), analisando depoimentos de imigrantes que tivessem passado algum período de tempo por aqui.

A construção de narrativas foi muito importante, tendo em vista a perspectiva que abriu ao estudo, através da rememoração de vivências, mas também porque a Sociedade Israelita de Pelotas praticamente não dispunha de documentos escritos para o período de tempo abordado. Só foram encontradas atas, por exemplo, a partir da década de 1970.

A dissertação defendida junto à PUCRS está disponível *on line* no site do Núcleo de Documentação Histórica, da Universidade Federal de Pelotas, projeto de extensão que existe faz quase trinta anos, fundado pela professora Beatriz Loner e coordenado por mim, já há algum tempo. O texto também foi publicado, pela editora da UFPel, em formato de livro, intitulado "*Clientelchiks*": os judeus da prestação em Pelotas (RS) 1920-1945.

Desde o ano de 1920 mais de cem famílias judias se instalaram na cidade. Faziam parte, em

sua maioria, do grupo *ashkenazim*, ou seja, eram provenientes da Europa Oriental, mas também existiram pessoas pertencentes aos *sefaradim* (Espanha e Portugal).

Muitos dos imigrantes que aqui se estabeleceram passaram antes pelas colônias agrícolas de *Philippson* (Santa Maria) e Quatro Irmãos (Passo Fundo). Os nomes de família Soibelman, Stifelman, Steinbruch, Nudelman, Druck, Averbuch, Copstein, Treiguer, Axelrud, Procianoy, Rosenberg e Galanternik estiveram em *Philippson*; já os Lokschin, Chaper, Millman, Ocstein, Pechansky, Pustilnik, Pilowinick e Chwartzmann, em Quatro Irmãos.

Quando aqui chegaram costumavam se dedicar ao comércio, principalmente de roupas e pequenos móveis. Recebiam um pacote para iniciar daqueles que estavam na cidade há mais tempo. Vendiam, no início, de casa em casa, em bairros periféricos até o momento em que possuíam renda para alugar uma casa a fim de constituírem um comércio mais organizado. A maioria das lojas de judeus se localizava à rua General Osório, mas com o passar do tempo houve uma diversificação espacial.

Já a segunda geração dos judeus acabou focando sua atuação nos estudos. A maioria da comunidade frequentou aulas no Colégio Municipal Pelotense, já que os Colégios São José (no início para meninas) e o Colégio Gonzaga (para meninos) tinham uma ligação forte com a igreja católica, além dos judeus imigrantes terem poucos recursos financeiros. Os judeus da segunda geração foram médicos, advogados, juízes, profissões que conferiam a eles prestígio e reconhecimento social.

Em Pelotas a comunidade fundou associações representativas, cooperativas de crédito, uma escola que ensinava teatro e *idish* e que funcionou até a década de 1940, bibliotecas, sinagogas e um cemitério.

O ano mais difícil para eles, segundo as narrativas, foi o de 1933, quando ascendeu ao poder Adolf Hitler, na Alemanha. Na imprensa local começaram a aparecer artigos de opinião contrá-



rios aos judeus e a comunidade, com receio, se organizou ainda mais ao fazer a aglutinação das duas sociedades israelitas que existiam em uma só, o Centro da Sociedade Israelita Pelotense, que a partir do ano de 1938 passou a ter uma sede própria, localizada à rua Marquês de Caxias, 303, atual rua Santos Dumont.

Através dos depoimentos pode-se verificar que a maioria da comunidade era sionista defendendo a construção de um Estado Nacional Judaico, o que aconteceria em 1948, com a fundação de Israel. De todo o modo, os judeus se integraram à comunidade mais ampla, mantendo, sobretudo, sua identificação, mais pela cultura do que pela própria religião.

A partir da década de 1940 muitas dessas famílias judias acabaram indo para Porto Alegre. Já era comum que os mais jovens, após a conclusão do ensino médio, se dirigissem à capital para realizar cursos universitários e as famílias começaram também a se deslocar para lá, uma vez que a estrutura daquela cidade proporcionava espaços adequados para o desenvolvimento da religião e da cultura. Em Pelotas, por exemplo, nunca houve um rabino, o que dificultava práticas religiosas. Na comunidade ainda hoje é comum que uma pessoa mais velha faça algumas tarefas que estão relacionadas a uma liderança religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir da análise documental em jornais locais e, principalmente, da construção de narrativas com imigrantes e seus descendentes foi possível se pensar sobre a trajetória de uma comunidade que, embora pequena, foi e continua sendo bastante representativa na cidade.

Através da memória coletiva os judeus perpetuaram valores éticos, manifestações artísticas, gostos e sabores relacionados à culinária e, fundamentalmente, uma história grupal intrinsecamente relacionada com a História de Pelotas.

REFERÊNCIAS:

GILL, Lorena. **Cienteltchiks: os judeus da Prestação em Pelotas, RS (1920-1945)**. Pelotas: Editora da UFPel, 2001.

O protagonismo do radialista como sobrevivente das mídias

Silvana Moreira

A data de instalação da primeira rádio no Brasil é abril de 1923. Logo em seguida, em 1925, surge a Sociedade Rádio Pelotense AM, a primeira emissora do interior do Rio Grande do Sul e, atualmente, é a mais antiga rádio em funcionamento no Brasil.

Apesar do pioneirismo da Rádio Pelotense, as FM's demoraram um pouco mais para chegar na cidade. Em 1972, a Rádio Itaí FM já havia dado início às transmissões em Porto Alegre. Contudo, a primeira FM da cidade foi a Rádio Alfa, fundada em 1979. O motivo do atraso é que, à época, os equipamentos com possibilidade de sintonizar as emissoras FM ainda eram caros, embora os carros fabricados já tivessem os aparelhos com a tecnologia.

As primeiras transmissões FM na cidade foram realizadas por grupos de amigos que se reuniam para explorar a nova tecnologia. Os pelotenses que possuíam carros com FM poderiam estacionar seus automóveis na Avenida Dom Joaquim, próximo ao Parque Tênis, e sintonizar as músicas da Discotec FM que era transmitida de dentro de um trailer também estacionado no local.

Outra pioneira da cidade foi a Rádio Federal FM da Universidade Federal de Pelotas, primeira emissora de caráter educativo a funcionar em canal de FM no Rio Grande do Sul. Inaugurada oficialmente em janeiro de 1981, a emissora na época chamava-se Rádio Cosmos.

Além desta evolução da AM para o FM, muitas outras mudanças no cenário da comunicação obrigaram os trabalhadores e trabalhadoras de rádio a adaptar sua rotina e seus processos de trabalho para que o rádio conseguisse sobreviver como um veículo de comunicação. Desta forma, o radialista, apesar de não ser considerado um



ofício em extinção, pode ser considerado um ofício em transformação.

No entanto, algumas funções do rádio foram extintas como, por exemplo, a de discotecário, profissional que cuidava do acervo de música que em um momento era de Long Play (LP), mais tarde Compact Disc (CD) e por último em arquivo de mídia digital, diretamente no computador. O discotecário arquivava as mídias, higienizava com água e sabão e fazia a seleção de músicas para que o operador colocasse no ar. Hoje em dia, o próprio operador desenvolve este trabalho diretamente no computador com alguns cliques apenas.

As novas tecnologias trouxeram uma inovação significativa para todos os setores. Tais novidades modificaram os processos de trabalho alterando, no caso do rádio, as formas de fazer a programação e interagir com o público.

O transistor, por exemplo, na década de 1940, possibilitou o surgimento dos aparelhos portáteis, modificando toda a lógica de recepção do sinal. A televisão, na década de 1950, chegou como uma tecnologia inovadora e estabeleceu uma das maiores crises do rádio.

O advento do telefone celular, na década de 1990, contribuiu com a agilidade na busca e transmissão dos acontecimentos e possibilitou o aumento da interação com os ouvintes. As unidades móveis e os gravadores deram mais mobilidade aos radialistas que passaram a fazer suas transmissões *in loco*.

A internet se consolida na mesma década como uma concorrência para o rádio. Contudo, o rádio e seus trabalhadores protagonizaram este momento como um desafio e, atualmente, as redes atuam como um novo suporte que permite sintonizar a programação das emissoras.

Com a Era da Convergência Midiática, os aparelhos de rádio foram desconstruídos como único meio de ouvir as emissoras e, atualmente, podemos ter acesso a emissoras dos mais diversos estilos e lugares do mundo de várias formas, seja através do celular, da televisão a cabo, do compu-

tador, do carro, entre outras possibilidades.

Em minha pesquisa, busquei estas vivências na memória dos radialistas pelotenses através da metodologia de História Oral que consiste em realizar entrevistas com os protagonistas do tema a ser analisado. Foi assim que contei um pouco sobre a história do rádio, da Rádio Federal FM e dos protagonistas desta história: os radialistas. Foram sete personalidades entrevistados: o primeiro diretor da Rádio Federal FM, José Maria Marques Cunha, a radialista Maria Teresa Cunha, o radialista e ex-diretor da Rádio Federal FM, Roberto Gustavo Engelbrecht, a radialista Maria Alice Estrella, a radialista e ex-diretora da emissora, Vera Lopes, a radialista Zari Machado e o radialista Luiz Carlos Vaz.

Desta forma, peço licença ao leitor para utilizar as narrativas dos meus interlocutores para contar um pouco deste universo dos trabalhadores e trabalhadoras do rádio, o que dará um brilho a mais para este texto.

A gravação nos estúdios das rádios era realizada de forma completamente diferente de hoje, Roberto Engelbrecht conta que “antes era gravação em fita-rola, em cartucho. [...] quando tu terminavas de fazer o teu projeto, cinco seis cartuchinhos estavam prontos com o teu serviço do dia inteiro”. O radialista também destaca a forma manual como era realizada as edições deste cartuchos, “o cara pegava o cabeçote, acertava o cabeçote e passava a caneta, marcava, puxava para fora, pegava o estilete, cortava atravessado, colava com Durex [...] coisa que hoje em dia, tu fazes em segundos, pega o mouse, carrega ali e tá”, avalia.

Vera Lopes destaca que os discos eram selecionados e entregues ao operador junto com as fitas rolo e os locutores sinalizavam as gravações com orientações para o operador: “- Atenção senhor operador esse bloco vai tocar entre 10 e 12 horas. [...] O operador tinha que cuidar a agulha, tinha que cuidar o prato, tinha que cortar na hora, porque se não desse certo, era uma paulada nos ouvidos”, relembra.

Maria Alice Estrella conta como o trabalho manual causava problemas em seu cotidiano. “Eu



gravei quatro horas de música e a fita estava suja e não gravou, então no momento em que eu levei ao operador de áudio e ele colocou no aparelho para rodar a fita, ele olhou para mim e disse: - Mas não tem gravação nenhuma”, conta a radialista lamentando que precisou gravar tudo novamente.

Vera Lopes descreve o seu trabalho com o gravador magnético na Feira do Livro. “Eu ia com um gravadorzinho aqueles de pilha, que nem era tão gravadorzinho [...] saia uma tampinha, tu colocavas a fita e saia com aquilo e começava a entrevistar o pessoal ali na Feira, na Praça”, lembra. Vera Lopes relembra também quando passou a utilizar o telefone celular para fazer as suas entrevistas na Feira do Livro. “Eu ia com um “tijolão” deste tamanho (20 cm) para a Feira do Livro e entrevistava os autores, lá no banco direto para a Rádio. Foi um avanço maravilhoso”, revela.

Resumindo, os estúdios ficaram menores, as mídias foram digitalizadas, equipamentos diminuíram de tamanho e os profissionais passaram a desempenhar outras funções dentro da emissora, mas seguem criando conteúdo e registrando os fatos pelas ondas do rádio.

Finalizo aqui com as contribuições do radialista Luiz Carlos Vaz sobre o futuro do rádio. Para ele, “o rádio ainda permanece por muito tempo mesmo que em outras vertentes, mesmo que no computador, mesmo que na internet, vai ser sempre o rádio” e conclui: “Enquanto tiver uma voz falando sendo transmitida de algum lugar remoto, isso vai ser rádio. Não interessa se eu estou escutando no telefone, no computador ou no *receptorzinho* transistorizado, é alguém falando à distância e isso é rádio”.

Cozinha e Seus Sujeitos: Mais do Que Pitadas

Bruno Feijó
Jamile Wayne
Mara Alessandretti

Ao pensar em comida e identidade é preciso compreender “cozinha” além do entendimento espacial, mas carregada de significados e simbologias. Para Certeau (2002), as diversas maneiras de praticar o cotidiano lançam o sujeito a praticar o que ele chama de microrresistências, que se movimentam devagar, com pequenos desvios. A cozinha, por essa linha de pensamento, é um espaço propício de microrresistências, especialmente a cozinha do cotidiano, doméstica. Os sujeitos desse espaço atuam dia-a-dia, transformando a realidade por meio de pitadas. O saber-fazer da cozinha dá ao sujeito possibilidades de resistir e transformar.

Além da relação sujeito/cozinha, ela produz a identidade de grupos. Segundo Maciel (2005), “a cozinha de um grupo é muito mais do que um somatório de pratos considerados característicos ou emblemáticos. É um conjunto de elementos referenciados na tradição e articulados no sentido de constituí-la como algo particular, singular, reconhecível ante outras cozinhas”. As cozinhas não são cristalizadas, se modificam constantemente, mas sempre exprimem e contam algo dos sujeitos que (re)existem através dela.

Para pensar a cozinha pelotense é preciso que façamos um apanhado histórico da cidade de Pelotas, conseguindo entender os sujeitos que a construíram e o que eles contam através do que percebemos na gastronomia atual da cidade. Para Barcellos (2017) a sociologia dos símbolos da alimentação pode dar lugar a uma psicologia dos arquétipos da alimentação, o que o autor chama de “consciente coletivo”. A cidade, então, é capaz de se reconhecer através de pratos, ingredientes e técnicas e esse reconhecer pode carregar problemas estruturais de uma socie-



dade, na medida que nem sempre acontece da mesma maneira para todos os grupos.

Pelotas, que está situada ao sul do Brasil, em uma região de grande proximidade da fronteira com o Uruguai, fundada no começo do século XIX, na qual desenvolveu-se graças à produção da carne salgada – o charque – atividade que foi muito importante até o começo do século XX (FERREIRA e CERQUEIRA, 2012). Segundo os autores esse comércio era muito próspero e realizava-se por meio de embarcações que partiam carregadas de carne salgada e retornavam do nordeste do país com um vultoso carregamento de açúcar. A formação desse núcleo charqueador tornou-se possível devido a fatores ligados ao processo de conquista e ocupação da região, como a presença de gado bovino, a distribuição de terras e implantação de estruturas militares por parte da Coroa portuguesa bem como o uso da força do trabalho escravo e a geografia da região. Ferreira e Cerqueira reforçam ainda que os sobrados eram símbolos do poder político e econômico desses “barões do charque”, como foram conhecidos, e foi no interior desses sobrados, em suas grandes cozinhas, que começaram a ser fabricados os doces pelotenses: “As reuniões sociais, denominadas saraus, representaram uma das expressões dessa sociedade [...] nos quais eram oferecidos os doces feitos pelas escravas negras, sob a orientação e vigilância da dona da casa” (FERREIRA E CERQUEIRA, 2012, pg 256). Convém ressaltar que esses doces, de origem majoritariamente portuguesa, também possuem influências da imigração de africanos, pomeranos, alemães, franceses e espanhóis entre outras nacionalidades que estabeleceram vínculos sociais por meio dos doces (IPHAN, 2018). Segundo os registros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, as Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu) passaram a fazer parte do Livro de Registro dos Saberes, desde maio de 2018, como Patrimônio Imaterial Brasileiro.

O apanhado histórico da cidade de Pelotas é essencial para entender os sujeitos que a construíram e o que eles contam através do que se percebe na gastronomia atual da cidade, pois,

conforme Maciel (2011) “o que se come, como, quando, com quem, enfim, os aspectos que envolvem esse comer para o grupo configuram um conjunto que traz em si uma reivindicação identitária”. Dessa forma entende-se que é necessário recorrer aos registros da memória com o intuito de despertar a trajetória daqueles que fizeram parte deste contexto cultural a fim de esclarecer o espaço representativo de cada indivíduo pertencente à esta formação identitária tendo em vista que, segundo o Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas¹, “houve muitos intercâmbios entre os saberes e fazeres das senhoras 1 da elite pelotense e suas cozinheiras, em sua maioria trabalhadoras negras escravizadas e suas descendentes”.

Em prol dessa conjuntura deduz-se que o processo de Registro de Patrimônio Cultural material da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas comporta-se como ferramenta significativa para que, cada um desses elementos, sejam evidenciados, e devidamente caracterizados, conforme sua representatividade na formação gastronômica do município em questão. Para Marília Floor Kosby (2015) o registro de Patrimônio Cultural Imaterial “muito se deve ao fato de Pelotas ser uma cidade negra”, conforme a autora “as mãos que mexiam o tacho sabiam por demais do sangue para que se diga que fazer doces não foi tarefa de uma força sagrada muito mais vigorosa que qualquer brutalidade”. (p.116). Neste sentido justifica-se a necessidade de elevar-se questionamentos sobre a cozinha e seus sujeitos no que diz respeito à valorização, pertencimento e ao processo de reconhecimento dos legados culturais.

No que diz respeito a outros setores da gastronomia da cidade, que não a doçaria, percebe-se uma grande resistência em reconhecer a participação dos negros na identidade local. Cesar Brisolara² em uma publicação ao jornal local, questionou o porque o povo pelotense tem dificuldade de se reconhecer como negro. Nesta publicação ele cita o levantamento do senso de 2010, onde menos de 10% da população se autodeclara negro ou pardo.

1 Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu)/RS. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_%20tradicoes_doceiras_de_pelotas_antiga_pelotas.pdf. Acesso em julho de 2019.

2 Disponível em: <http://diariopopular.com.br/opiniaao/a-negritude-em-pelotas-por-que-se-oculta-10666/>

Essa falta de reconhecimento ou aceitação, reflete também na nossa gastronomia.

Após dados levantados na pesquisa de Bruno Feijó, constatou-se a falta de locais que se reconheçam com comida típica afrobrasileira. A pesquisa traz dados de um desses locais que, segundo a cozinheira, “faz comidas nossas, comidas negras”, pois oferece feijoada frequentemente. Após questionar clientes sobre reconhecerem ou não de qual cultura pertencia a feijoada, algumas respostas como: “acredito que seja dos Estados Unidos, por conter muita carne de porco.”, fizeram com que se problematize a falta de conhecimento que a população tem sobre a cultura daqueles que, a base de dor e angústia, ajudaram na construção desta cidade.

Em entrevista ao site Diplomatique³ em 2018, o rapper Emicida contou sobre sua visita ao continente africano, nesta entrevista ele fala sobre a similaridade cultural entre os povos, onde uma delas se encontra na gastronomia, por meio dos preparos e até mesmo na forma como as pessoas comem. Portanto, dizer que as contribuições da cultura Afro, principalmente em uma cidade com a história de Pelotas, foram apenas pitadas, é tratar a história da cidade com a lógica racista estrutural brasileira, pois o “não reconhecer” é, de alguma forma, invisibilizar, o que demonstra que Pelotas, como diz Millôr Fernandes, tem um grande passado pela frente.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Gustavo. O Banquete de Psique: imaginação, cultura e psicologia da alimentação. Petrópolis: Vozes, 2017.

CERTEAU, Michel. A Invenção do cotidiano: 1 artes de fazer. Petrópolis: Ed.Vozes, 2002.

FERREIRA, Maria Leticia M. e CERQUEIRA, Fábio V. Mulheres e doces: o saber fazer na cidade de Pelotas. In: Patrimônio e Memória. São Paulo; Unesp, v.8, n.1, p.255-276, janeiro-junho, 2012. Acesso em maio 2019.

IPHAN. Tradições Doceiras de Pelotas (RS) se tornam patrimônio Imaterial Disponível

em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4642>. Acesso em maio 2019.

KOSBY, Marília Floor. Nós cultuamos todas as doçuras: as religiões de matriz africana e a tradição doceira de Pelotas. Porto Alegre: Aprés Coup – escola de Poesia, 2015.

MACIEL, Maria Eunice. Churrasco comida e emblema dos gaú-

³ Disponível em: diplomatique.org.br/me-preocupa-o-fato-da-poesia-precisar-ser-obvia-para-carvalho-emicida/

chos. In Turismo História e

Gastronomia: uma viagem pelos sabores. Caxias do Sul, RS. Educs, 2011. P 57-73.

_____, Maria Eunice. Identidade Cultural e Alimentação. In: CANESQUI, A.M.;

GARCIA, R.W. (Org.). Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Editora

da FIOCRUZ, pp. 49-55, 2005.

A territorialização homoafetiva em Pelotas: uma breve história dos bares gays como espaços de construção de geografias LGBTQI+

Marcos Ronei Peverada Fernandes⁴
Fabiano Preto Neis⁵

Neste ano 2019 fazem 50 anos da mais importante Revolta por direitos de LGBTQI+, a Revolta de Stonewall. Ela ocorreu em junho de 1969, na cidade de Nova Iorque, justamente em um bar chamado Stonewall Inn e aconteceu porque as travas, bixas e sapatas estavam cansadas de ser humilhadas e ter um de seus poucos espaços de socialização fechados pela polícia e controlada pela máfia novaiorquina. Nós LGBTQIA+ sabemos que não somos bem vindos em nossas casas e em nossas famílias, também não somos bem vindos na escola e na universidade, não somos, ainda, bem vindos nos espaços de trabalho e de cultura e por fim não somos, nem mesmo, bem vindos à luz do dia. Assim, estando às margens da sociedade, os espaços onde podemos nos encontrar, fazer amizades, namorar e até mesmo *aquendar* são restritos, restam apenas os espaços públicos, de praças e parques, as noites e os guetos.

⁴ Professor da rede pública e militante do Também Pelotas Grupo Pela Livre Expressão Sexual

⁵ Mestre em História (UFPEI), professor da rede pública e militante do Também Pelotas Grupo Pela Livre Expressão Sexual.



É neste ponto que os bares assumem a condição de guetos, tornam-se fundamentais como espaços de construção de identidades e de socialização da comunidade LGBTQI+.

Mas, falar sobre a territorialização de espaços LGBTQIA+ na Princesa do sul, é uma tarefa árdua: primeiro pela inexistência de bibliografia e segundo pela dificuldade em encontrar fontes impressas e orais para a realização da pesquisa. Para a elaboração deste texto podemos dividir em três períodos distintos: anos 1980, anos 1990-2000 e os primeiros anos do século XXI.

Foi necessário recorrer às páginas amareladas do famoso *Lampião da Esquina*, ano 3 n. 28, de setembro de 1980, na coluna *Escolha seu Roteiro: Pelotas*, encontrou-se um guia com sugestões de atividades, diurnas e noturnas, para serem realizadas pela população LGBT (a Conferência Nacional LGBT de 2016 convencionou adotar a sigla desta forma apesar dela ser ampliada, como no título, em muitos lugares, principalmente Europa) usada na *Bichacap* (termo irônico utilizado pelo jornal para se referir a famosa fama da cidade). No entanto, segundo o jornal, em pleno início dos anos 1980, Pelotas não possuía um único bar ou boate gay: *"Pasmem os mais afoitos: na Bichacap não há bar ou boate assumidamente guei... A única tentativa de um lugar guei é o Acesso, bar da [rua] Voluntários, pertence a uma comadre muito querida na cidade."* Ou seja, durante as décadas da ditadura civil militar brasileira, Pelotas não possuía um local boêmio assumidamente LGBT.

O Nuances grupo pela livre expressão sexual (primeira organização LGBT do Rio Grande do Sul, com sede na cidade de Porto Alegre e fundada em 1991), a partir de 1998 começou a publicar jornais bimestrais para abrir maior diálogo com a sociedade sobre pautas que envolvessem a comunidade de bixas, lésbicas, travestis e transexuais. Foi na edição ano 2 n. 11, de março de 2000, p.3 que encontramos uma entrevista realizada pelo *Jornal Nuances* com o famoso carnavalesco pelotense, Pompilio Freitas, que trouxe o nome de outros bares LGBTs e também fala de um certo preconceito com locais assumidamente gays, na cena noturna pelotense: *"O Bye Bye foi assim e não deu certo."*

O Kalabouço não é espalhafatoso e por isso dá certo (...). Porém tivemos o Fruto Proibido que era bem no centro e durou de 10 a 12 anos".

O Também Pelotas - Grupo Pela Livre Expressão Sexual (fundado em 2002 tendo publicado 4 edições impressas do *Jornal do Também*) entrevistou Paulo Vargas para a edição ano 1, n. 2, de setembro de 2010, p.4, na qual deu mais informações sobre o Fruto Proibido: *"Era na Voluntários, aconteciam shows maravilhosos onde os transformistas interpretavam as nossas divas da música popular brasileira; (...) Naquele bar encontrávamos todas as pessoas, os gays da cidade, e muitos iam escondidos como sempre."* Nessa mesma entrevista, Paulo Vargas falou sobre a identidade do proprietário do Fruto Proibido: *"Beto Cabeça, que tinha o apelido de mamãe cabeça, (...) por detrás tinha o gerente, mas o dono era ele"*. O próprio, Paulo Vargas, decidiu abrir uma boate o *Controvérsia Club*, *"o bar abriu em 1987 e funcionou por dois anos onde por muitos anos depois funcionou o Bar Rua XV [Rua Félix da Cunha entre Tiradentes e Praça Coronel Pedro Osório]"*.

Iniciamos os anos 1990, segundo o espaço publicitário do Kalabouço no *Jornal do Também*, ano 1, n. 1, de junho de 2010: *"Desde 1994, as outras vieram depois..."* Durante toda a década de 1990, o Kalabouço foi a única boate LGBT de Pelotas. A região da Avenida Bento Gonçalves, no entorno do Esporte Clube Pelotas, nos anos 90 e 2000 era repleta de bares e boates e os LGBTs tinham dois locais como referência. O bar Cais Entre Nós, um bar de vídeo-clips e o Pássaro Azul. Ainda sobre o mais importante bar dos anos 90, o Kalabouço, encontramos na entrevista do Pompilio Freitas ao *Jornal do Nuances* (Ano 2, n. 11, de março de 2000) uma referência à localização do Kalabouço: *"iniciou no porto da cidade, também um lugar afastado, e hoje está localizado próximo da Praça 20 de Setembro."* Nessa mesma edição, de março de 2000 o jornal publicou a matéria central *Os doces prazeres de Pelotas* que apresentava um pouco sobre aspectos históricos, geográficos, culturais e sugestão de atividades para serem realizadas na cidade. Sobre bares e boates, a reportagem levantou dois endereços distintos: o primeiro um



bar - “Na Rua D.Pedro, 622, você encontrará o bar da Helô, ou o **Porto 622**, frequentado, principalmente por lésbicas e amigos a fim de beber, conversar e ouvir música ao vivo” – o segundo, o famoso **Kalabouço** frequentado por uma diversidade de gueis, lésbicas mas principalmente por travestis e transexuais da periferia, “estará esperando com o quente da noite guei pelotense. (...) A boate fica num beco da Av. Duque de Caxias, no subsolo de um sobrado. (...) tudo ao som do Dj Monstro e shows de artistas e gogo boys.” No século XXI, seguindo o movimento do crescimento urbano e com as mudanças culturais vindas com o novo século, Pelotas continuava com o Kalabouço e contou também com o surgimento de mais boates LGBTs, algumas com duração efêmera, mas que contribuíram como locais de sociabilidade. A primeira foi o **Odeon Vídeo Bar** inaugurada em 1999 que mais tarde tornou-se **Odeon** e posteriormente, **Divas**, localizado na Praça Cel. Pedro Osório, n 63 A; a *Free Space* surgiu no início dos anos 2000 na Rua Três de Maio, que com o passar do tempo tornou-se *Espaço Baiuca*; os antigos proprietários do Kalabouço abriram o *Bar ou Impar Pub Louge*, na Rua Anchieta, 2684 e a **The Way**, na Rua XV de novembro, 34 (esta é a única em funcionamento atualmente).

Cabe ressaltar que existiram festas como a antiga Boate do Direito e outras festas universitárias da Universidade Federal de Pelotas, classificadas como *festas alternativas* que eram muito frequentadas pela comunidade LGBT. No final da primeira década a **Festa das Gurias**, uma festa itinerante agitava a noite de lésbicas e sapatas.

Já em 2015 outros dois locais surgiram. A **Diamonds** uma boate direcionada a jovens que funcionou por 3 meses na Gonçalves Chaves próxima ao Clube Diamantinos e o **Porta Negra**, um bar na Santos Dumont, 672, funcionou de outubro de 2015 a outubro de 2016, sua proposta era de um bar para encontros e conversa e espaços para encontros sexuais furtivos. O Porta Negra foi o único do gênero na cidade e região.

Para finalizar este breve apontamento histórico sobre a territorialização LGBTQI+ na cidade de

Pelotas restam dois apontamentos, mas antes fica o convite para que os pesquisadores não deixem a história LGBTQI+ pelotense esquecida já que é uma fonte rica. O primeiro é que não se pode desvincular o movimento LGBTQI+ da atualidade do movimento surgido pós Stonewall (1969), pois se hoje podemos levantar bandeira, sermos visíveis a sociedade e termos uma fluidez com assuntos ligados a homoafetividade é graças aos LGBTQI+ do passado. O segundo apontamento que deve ser feito é, justamente, pensar na função que os bares LGBTQI+ possuíam no passado, pois eram locais de encontro, de sociabilidade e construção de identidade; hoje como bem sabe-se, existem outros meios, principalmente associados aos meios digitais (redes sociais e aplicativos), talvez por isso que já não se têm tantos lugares específicos para a população LGBTQI+ ou os famosos, e podemos dizer com orgulho, GUETOS do passado, se hoje existimos e resistimos, estes lugares nos serviram de trincheira.





Agradecimentos

Alexandre Mattos; Angelita Ribeiro; Bianca Weber Dos Santos Neves; Biane Jaques; Bruno Feijó dos Santos; Caiuá Cardoso Al-Alam; Caroline Atencio Medeiros; Centro da Criança São Luiz Gonzaga/UCPEL; CMPC - Celulose Riograndense; Daniele Borges; Dejane Lorenzi; Duda Keiber; Ediane Oliveira; Fabrício Barreto; Dalila Müller; Giana Amaral; Instituto Eckart; Jamile Wayne; Julio Marinho; Lorena Almeida Gill; Mara Rosana Araujo Alessandretti; Marcelo Gill; OtroPorto; Pierre Chagas; Ricardo Moura; Simone Neutzling; Sissa Moreira; Sociedade Espírita Assistencial Dona Conceição; Universidade Católica de Pelotas; Universidade Federal de Pelotas; Veridiana Ribeiro.

A Secult agradece imensamente a todos os proponentes das atividades, aos agentes do patrimônio, aos artistas que compõem a programação, às instituições que gentilmente abriram suas portas durante o final de semana, aos colegas das secretarias municipais, à Prefeita Paula Schild Mascarenhas.

Todos os conteúdos e opiniões expressos são de inteira responsabilidade dos autores. Todos os eventos da programação são de inteira responsabilidade de seus proponentes.

